

respondência entre a data dos manuscritos e os §§ da edição Stein-Heidegger permitem ao leitor aperceber-se da complicada génese deste texto; o facto de terem sido conservadas as notas de Rudolf Boehm à magnífica edição do volume X da Husserliana merece, sem dúvida, o nosso aplauso; os glossários finais permitem-nos acompanhar os problemas que a tradução possa ter suscitado, embora, reconhecamo-lo, não se trate de um texto particularmente difícil de traduzir; o índice temático de Ludwig Landgrebe, mas completado por Pedro M.S.Alves, é, evidentemente, de grande utilidade.

Quanto ao valor do trabalho de tradução, julgo que haverá poucos reparos a fazer. Creio que "mnénico" (pp. 45, 55 e nota nº 15, 66, etc.) é uma gralha de "mnésico", dado que aquele termo não existe em português. Não haverá grandes objecções à tradução de (-s) *Vergangen* por passado, embora se pudesse traduzir, igualmente, por "o antes", em contraposição a "o agora" (*das Jetzt*), reservando "passado" para equivalente português de *Vergangenheit*. Penso, por exemplo, numa passagem do § 10, trad. p. 61, linhas 7-10, e noutra do § 13, trad. p. 67, linhas 4-5. Já talvez "objecto temporal", para traduzir *Zeitobjekt*, possa ser questionável, sobretudo tendo em conta o que é dito nos §§ 7 e 10. Pessoalmente, optaria por "objecto-tempo", o que talvez não seja muito elegante, mas que me parece mais de acordo com a distinção, fundamental para percebermos a posição husserliana, entre génese do tempo e tempo constituído: pois *Zeitobjekt*, este objecto insólito que o mencionado exemplo do som vem ilustrar, não é algo que seja uma unidade *no* tempo, mas sim algo que contém *em si mesmo* uma extensão temporal (cf. § 7, trad. p. 56).

Carlos Morujão

F. J. TIPLER, *The Physics of Immortality. Modern Cosmology, God and the Resurrection of the Dead*, New York, London, Sydney, Ed. Doubleday, 1994, 528 pp.

A cultura vai determinando profunda e indelevelmente a acção humana, assustando, por vezes, os pruridos de uma radical liberdade.

O título da obra agora em apreço só surpreende quem vê os avatares científicos em esquema de completa ruptura com os anteriores. Não podemos esquecer-nos de que, desde a especulação grega, a *Física* representou um saber englobante, cujo conteúdo foi preenchido por todos os grandes temas do saber, mesmo o concernente ao ser humano e a Deus. Somente a ciência moderna restringiu o sentido da *Física*, sendo, portanto, no horizonte desta que geralmente interpretamos esse saber. Tipler voltou à *Física* como saber englobante, fazendo dela uma espécie de enciclopédia, também aqui numa grande fidelidade cultural. O último capítulo, que serve aliás, de conclusão, é de per si suficientemente significativo, quanto aos objectivos da obra: *Theology as a branch of Physics*.

Porquê o ressuscitar de um processo que uma certa epistemologia julgava definitivamente ultrapassado?

Para lá das opções subjectivas do autor, que tem a ver com a sua conversão ao deísmo, na sua obra ecoa o mal-estar das ciências modernas, muito formalizadas e especializadas, numa palavra, desumanizadas. Por outro lado, Tipler pretendeu introduzir nesse horizonte englobante os dados mais recentes da informática.

Vale a pena enunciar os títulos dos capítulos: The ultimate limits of space travel; Progres against the eternal return and the heat death; Physics near the final state: The classical Omega Point Theory; Determinism in classical general relativity and in quantum mechanics; The quantum version of the Omega Point Theory universe necessarily exist; The Physics of resurrection of dead to eternal life; What happens after the resurrection: Heaven, Hell, and Purgatory; Comparison of the Heaven predicted by modern Physics with the afterlife hoped for by the great world religions; The Omega Point theory and Christianity; Theology as a branch of Physics.

Um texto a ser liminarmente rejeitado? Seria essa certamente a atitude que o esperaria a algumas décadas atrás. Hoje, tenta-se, pelo menos, a sua leitura. É que a epistemologia vai-nos mostrando que a ciência não é esse universo puro, autónomo e asséptico que, utopicamente, se imaginou. Ela é um produto cultural, donde não estão ausentes as mais profundas ânsias humanas.

Tipler sente bem esta complexidade da ciência, não ficando apenas na formulação do tecido desta. Traz para aí as suas leituras, muitas delas respigadas na filosofia e na teologia, esta última tendencialmente protagonizada pelos autores protestantes. No entanto, também S. Tomás de Aquino é aí convocado, para não falar de T. de Chardin, que inspira fundamentalmente o *Ponto-Omega*.

Mas, com esta complexidade, utilizando esta terminologia, será possível fazer ciência? Tipler quer levar a efeito um trabalho científico, interpretando, porém, o saber em termos muito diferentes dos da *Física* moderna. Não se pode afirmar que ele não tenha razão ou, melhor, ele tem, pelo menos, tanta razão como aqueles que simplificaram irresponsavelmente a questão. Serão, no entanto, comparáveis os resultados da *Física* moderna, querendo ir mais além, aproximando-os das instâncias profundas da vida. O que talvez atraia Tipler é a convicção de que, sendo mais abrangente, está a fazer *Física* como os outros, mesmo criticando-os.

Depois de uma leitura, aliás muito difícil, desta obra, que resposta dar a quem inquirir da capacidade de prova dela? Talvez tenhamos também de alterar a nossa habitual noção de prova científica. Tipler pretende realmente provar, mas apenas insinua, amalgamando uma imensidade de dados que quebra a indiferença e a neutralidade. Verdadeiramente, esta obra não prova o que quer que seja, mas tem o mérito de mostrar a fragilidade das provas de tantos outros, as quais se julgavam definitivamente indiscutíveis, por se rotularem.